



A ESPECIFICIDADE DA FILOSOFIA REQUER UM ENSINO ESPECÍFICO

Autor: José Cândido Rodrigues Neto (1); Coautora: Maria Aparecida da Silva Bezerra (2); Coautora: Maria Cláudia Coutinho Henrique (3); Coautor: Valmir Pereira (4)

(1) *Universidade Estadual da Paraíba, jcrneto13@gmail.com* - (2) *Universidade Estadual da Paraíba, Mariabezerra06@gmail.com* (3) *Universidade Estadual da Paraíba, claudiahcoutinho@gmail.com*
- (4) *Universidade Estadual da Paraíba, provalmir@gmail.com*

Orientador: Prof. Dr. Valmir Pereira - *Universidade Estadual da Paraíba provalmir@gmail.com*

RESUMO: A Filosofia é uma atividade do pensamento e sua natureza é tanto especulativa quanto reflexiva. Uma de suas especificidades é a abertura de seus problemas, pois estes podem ser sempre rediscutidos e reavaliados. Em Filosofia não há verdades absolutas nem dados consensuais. Isto aponta para notáveis diferenças em relação a outras disciplinas, tendo em vista que estas possuem consenso sobre diversas teorias e são estruturadas de forma sistemática. O ensino destas disciplinas se pauta na transmissão de conteúdos, de uma forma bem ordenada. Em filosofia os problemas podem ser discutidos sem que haja uma interligação necessária entre eles. Assim, levando-se em consideração a abertura que há nos problemas filosóficos, será que esta disciplina pode ser transmitida de uma maneira conteudista? Será que seu ensino deve ser pautado por uma didática comum a outras disciplinas, ou será que sua natureza crítica requer uma didática própria de ensino? Ao final deste trabalho esperamos ter promovido uma discussão sobre tais questões e de como deve ser o ensino da filosofia, de forma a levar em consideração suas particularidades. Para realizar este estudo optou-se por uma pesquisa bibliográfica, tendo como base de leitura os textos de Desidério Murcho, onde este autor trata sobre a natureza da filosofia. A investigação que aqui se procede tem relevância para o ensino de filosofia, tendo em vista que compreender a natureza desta é um passo importante para compreender como seu ensino deve ser conduzido.

Palavras-chave: Natureza da filosofia, ensino, especificidade, didática.



1. INTRODUÇÃO

A filosofia como atividade do pensamento é dinâmica e seus problemas nunca estão acabados ou esgotados. Um problema filosófico sempre pode ser rediscutido, reavaliado, e enxergado sob diversas perspectivas. A filosofia se diferencia de outras disciplinas, como por exemplo: química, física ou geografia, pois estas apresentam uma série de conteúdos que precisam ser transmitidos de forma sistemática, onde muitas vezes um conteúdo é pré-requisito para outro. Não se aprende equações sem que antes se saiba as quatro operações básicas da matemática, assim como não se pode estudar os tecidos do corpo humano sem ter estudado a teoria das células antes, nem também se pode estudar a história da modernidade sem ter um mínimo conhecimento de história antiga e medieval.

A filosofia apresenta uma notável diferença em relação a estas disciplinas, pois seus problemas podem ser discutidos sem que haja uma interligação necessária entre eles. Ela não apresenta a objetividade e a exatidão das ciências matemáticas, nem a classificação rigorosa das ciências biológicas. Embora a filosofia apresente uma abertura em suas problemáticas, o que constitui uma diferença em relação a outras disciplinas, alguns professores insistem em ensiná-la como se estivesse lidando com uma das demais disciplinas, optando por um ensino que se pauta na transmissão de conteúdos e deixando de lado o caráter especulativo e reflexivo do exercício filosófico.

Sendo assim, este trabalho tem por objetivo investigar se algumas particularidades e especificidades da filosofia exigem que esta tenha uma didática própria para ser ensinada. Levando-se em consideração a abertura que há nos problemas filosóficos, será que esta disciplina pode ser transmitida de uma maneira conteudista? Será que seu ensino deve ser pautado por uma didática comum a outras disciplinas, ou



será que sua natureza crítica requer uma didática própria de ensino? Ao final deste trabalho esperamos ter suscitado uma discussão sobre as particularidades da filosofia e de como deve ser o seu ensino, de forma a levar em consideração tais particularidades.

Para realizar este estudo optou-se por uma pesquisa bibliográfica, tendo como base de leitura os textos de Desidério Murcho em que este autor trata da natureza da filosofia e de como esta deve ser ensinada. A partir do que foi exposto, notamos que a investigação que aqui se procede tem relevância para o ensino de filosofia, tendo em vista que compreender a natureza desta é um passo importante para compreender como seu ensino deve ser conduzido, tornando-o mais eficaz e conseqüentemente fomentando, de forma mais consistente, a capacidade analítica e reflexiva dos estudantes desta disciplina.

2. O ENSINO DA FILOSOFIA COMO FOMENTADOR DE UM PENSAMENTO CRÍTICO

A filosofia possui algumas especificidades que a distinguem de outras disciplinas, dentre elas podemos citar a abertura de seus problemas e a reflexão de si mesma. A atividade filosófica é dinâmica e inesgotável, pois consiste em desenvolver um pensamento crítico lançando novas possibilidades de enxergar os problemas que nos inquietam. Sendo a filosofia uma atividade do pensamento e não uma ciência ou um corpo de conhecimentos consensuais e sistematizados, ela deve ter uma didática própria, que instigue o aluno a pensar de forma autônoma e reflexiva. Ela não pode ser transmitida como sendo um amontoado de conteúdos que devem ser assimilados e decorados. Desse modo estaríamos ensinando ao educando o que determinado pensador disse sobre determinado tema, ao invés de possibilitá-lo a desenvolver seu próprio pensamento. Destarte, se faz notar que sobre o ensino da filosofia e a didática adotada



para tal, há algumas posições equivocadas. Dentre estas podemos citar o seguinte trecho:

[...] pode-se dizer que uma “didática da Filosofia”, contextualizada no ambiente escolar, se interessa pela harmonização das condutas de ensino e dos processos de aprendizagem escolar com o objetivo de otimizar a aprendizagem do conteúdo filosófico pelos alunos. Embora uma “didática da Filosofia” se interesse unicamente pelo conteúdo filosófico, uma perspectiva interdisciplinar pode permitir o estabelecimento de um diálogo entre diferentes didáticas. (GHEDIN, 2009, p.118)

Este tipo de postura parece apontar para a adoção de uma didática em filosofia comum a outras disciplinas, além de priorizar conteúdos, e ainda buscar uma interdisciplinaridade, como se a filosofia fosse um mero instrumento interdisciplinar, que promove o diálogo entre diferentes campos do saber. Para ensinar filosofia o professor deve transmitir aos educandos os conceitos, os argumentos e as teorias filosóficas, debatendo e relacionando o que ensina com o cotidiano em que seus alunos estão inseridos. Ao se apropriar destes o educando terá possibilidade de pensar criticamente e desenvolver de forma mais coerente suas concepções. Entretanto, isto não significa dizer que o professor deve empurrar um amontoado de conteúdos, de forma mecânica e acrítica. É preciso que haja discussão e reflexão em torno dos problemas filosóficos.

Tais problemas exigem uma argumentação lógica e coerente para serem discutidos. Entretanto, estes são dinâmicos e estão sempre abertos a novas reflexões e novas investigações, que serão validadas pela coerência dos argumentos. Para que se possa lançar soluções a uma determinada problemática é preciso estar bem inteirado sobre outras respostas, que outros filósofos deram aquela questão. Essas respostas



podem ser melhoradas, redirecionadas, ou modificadas. Mas, para isso, é preciso ter boas informações sobre o campo que se quer adentrar. É necessário conhecer conceitos, ideias, problemáticas e soluções propostas anteriormente por outros pensadores. Pois isto enriquece uma discussão, além de dar a ela um caráter mais filosófico. Cabe então ao professor apresentar aos alunos os diferentes filósofos, seus conceitos e reflexões. Mais o professor não pode perder de vista que tais autores serão apenas enriquecedores de uma discussão, e não o conteúdo único da aula. Tendo em vista que esta não pode presar apenas por transmissão de conteúdos, uma vez que:

Ensinar filosofia é ensinar a pensar criticamente sobre os problemas, as teorias e os argumentos de filosofia. Para isso, o estudante tem de ter instrumentos críticos e informação adequada. Só assim poderá participar de igual para igual no debate das ideias filosóficas. (MURCHO, 2002, p. 13).

Para que o educando se aproprie de conceitos filosóficos é preciso que este seja inserido no debate de ideias filosóficas. Desta maneira, o aluno entenderá como determinado conceito funciona em determinada situação. Pois em filosofia os conceitos são vivos e se movimentam, sendo impossível dar uma definição fechada que abarque todas as suas possibilidades e aponte para um consenso, pois isto os empobreceria e imobilizaria sua capacidade de se reinventar, tornando-os estáticos.

A mobilidade e vivacidade dos problemas filosóficos exige um método próprio para o ensino de filosofia. Em outras disciplinas geralmente há um consenso sobre determinado conteúdo, ou sobre determinada teoria. Por exemplo: em biologia é consenso entre os biólogos que o corpo humano é formado por células. Os físicos concordam que os corpos são atraídos para o centro da terra pela força da gravidade, os químicos concordam que a molécula da água é composta por dois átomos de hidrogênio



e um átomo de oxigênio. Nestas disciplinas há um consenso, que por vezes é duradouro. Em Filosofia não há consenso nem há um corpo de conhecimentos acumulativos, que possam ser transmitidos. Desse modo, isto se configura em um problema para o seu ensino, levando-se em consideração que:

Uma das dificuldades que estudantes e professores de Filosofia enfrentam é a seguinte: ao contrário do que acontece noutras disciplinas, a Filosofia não tem um corpo imenso de conhecimentos que tenhamos de adquirir. Isso desorienta o estudante e o professor, porque não encontram na Filosofia o tipo de conteúdos que se encontram na história, na física ou na matemática. Na História, há acontecimentos que têm de ser compreendidos; na Física, leis e fórmulas; na Matemática, teoremas e axiomas e regras. E na Filosofia? Há as opiniões opostas dos filósofos, que nunca parecem chegar a um consenso mínimo. (MURCHO, 2002, p.14)

Em filosofia dificilmente há um consenso sobre seus temas centrais. Como por exemplo: a liberdade, a justiça, a moralidade, a beleza, a angústia e etc. Desse modo, o professor de filosofia não pode apresentar dados consensuais e concretos, como ocorre na maioria das outras disciplinas. Ele deve ensinar o aluno a pensar de forma bem articulada sobre diferentes temas. Para isto, é preciso fazer com que o aluno se insira nas discussões de ideias filosóficas, pois desse modo ele irá ter contato com pensamentos de outros filósofos de uma forma mais viva e fértil. Neste sentido a perspectiva kantiana para o ensino filosófico é bem interessante. Segundo ela:

[...] se há uma disposição natural para atividade do pensar, o seu livre exercício é o melhor instrumento para a produção do conhecimento. Assim como se aprende a nadar nadando, a andar andando, assim também se aprende a pensar pensando. Essa disposição necessita ser cultivada com a ajuda de um mentor, de um mestre que, ao proceder socraticamente, induz o educando a pensar por si mesmo sem a ação



inibidora da tutela. O modo como se ensina e aprende filosofia deve ser coerente quanto ao próprio modo de produção do seu conhecimento: ela não é uma ciência acabada. Por esta razão, deve-se exercitar o seu uso criticamente. (RAMOS, 2007, p.202)

Desta maneira, o ensino de filosofia deve instigar o aluno a pensar e argumentar. Algumas vezes até discordando do que outros filósofos disseram, mas baseando-se em argumentos e não em achismos. Em outras ocasiões os filósofos podem ser utilizados como fundamentação teórica para se construir o próprio pensamento, pois

[...] cada filósofo assina seu mundo e seu instrumental conceitual são ferramentas que usamos ou não, na medida em que são ou não interessantes para nossos problemas. Ou, para usar outra metáfora, as diferentes filosofias aparecem como diferentes óculos, cada um deles nos mostrando diferentes facetas do mundo. E, claro, não se trata aqui de colocar as diferentes filosofias em disputa, esperando que uma triunfe sobre as demais, mas apreender a possibilidade da convivência – tranquila ou não – entre elas. (ASPIS, GALLO, 2009, p. 40)

Se em filosofia não há provas irrefutáveis nem verdades absolutas, para um argumento ser aceito ele deve ser consistente. E é justamente isto que se espera de alunos de filosofia, que estes desenvolvam argumentos consistentes e bem articulados. Somente assim será possível defender determinada concepção ou ponto de vista.

Diante do que foi exposto, podemos concluir que a filosofia exige uma didática própria, não para se ensinar filosofias, mas para se ensinar a filosofar. Se aplicarmos uma didática universal e geral à filosofia, estaríamos descaracterizando-a e tornando-a estéril e improdutiva. Seu ensino deve ser provocativo, lançando questões que inquietem os educandos, para que assim estes possam estar instigados a pensar e a



propor soluções aos problemas, por meio de argumentos coerentes e bem construídos. O professor de filosofia não é aquele que transmite um corpo de conhecimentos sistematizados, mas é aquele que ensina seu aluno a pensar de forma consistente, sistematizada e coerente, pois pensar sem nenhum critério de criticidade é apenas pensar superficialmente e a esmo.

Assim, o professor pode utilizar o pensamento de outros filósofos como ferramenta propedêutica para ensinar seus alunos a desenvolver seu próprio pensamento, analisando como determinado filósofo defende seu ponto de vista, os argumentos que ele utiliza, quais desses são consistentes e mais fáceis de serem refutados. Deste modo, o educando estaria desenvolvendo a criticidade do pensamento e se tornando apto a raciocinar de forma mais consistente e reflexiva.

Ao debater um problema filosófico podemos trazer para o debate outros filósofos e ver as contribuições que estes deram, e o que podem ainda nos dar. Entretanto, não podemos tomar a fala de um filósofo como sendo verdade absoluta ou solução para nossos problemas. Até porque para eles esses problemas se deram em outros modos e em um diferente contexto e a solução que eles sugeriram era pertinente aquele período. Pode-se utilizar suas soluções como ferramenta que venha a auxiliar em nossas discussões e na formulação de nossas concepções, entretanto cabe a nós pensarmos os nossos problemas a partir de nós mesmos, pois as situações que os envolvem nos diz respeito. Sobre isto é dito que:

Uma forma de tentar compreender um problema é saber o que alguns dos grandes filósofos, clássicos e contemporâneos, pensaram sobre esse problema. Muitas vezes, verifica-se que diferentes filósofos compreenderam o problema de formas sutilmente diferentes. A compreensão que um dado filósofo tem de um dado problema será melhor? Ou não? Por quê? Contrastando as formas como diferentes filósofos formularam um problema com a nossa própria compreensão do problema, enriquecemos a nossa compreensão, traçamos distinções



e corrigimos confusões. (MURCHO, 2002, P. 16)

A aula de filosofia deve discutir algumas questões de natureza filosófica, entretanto o professor deve trazer para a discussão não apenas os diferentes filósofos já consagrados ao longo da história, mas deve instigar seu aluno a participar da discussão lançado seus questionamentos, suas hipóteses, e concepções, pra isto este educando precisa elaborar seus argumentos e fundamentar suas opiniões desenvolvendo assim sua criticidade, aprendendo a enxergar um problema sobre diferentes matizes e de diferentes perspectivas e nunca aceitando algo sem antes questionar. Estas são as características de um pensamento crítico.

Portanto, podemos concluir que para que o professor de filosofia desenvolva no aluno o pensamento filosófico é preciso levar em consideração a especificidade da filosofia que é a abertura de seus problemas, e o pensamento crítico e reflexivo, que muitas vezes se volta para si mesmo. Deste modo, não se pode ensinar filosofia por meio de um corpo extenso de conteúdos, que serão transmitidos de forma mecânica e acrítica. Não se deve visar apenas transmitir um aglomerado de conceitos de outros filósofos, pois em filosofia não existem verdades acabadas. Tentar impor um pensamento é impor a impossibilidade de se pensar de forma autônoma, o que é contrário à essência do pensamento crítico.

O filosofar vai além de aprender a decorar o que outros disseram. A natureza da filosofia exige um tipo de ensino que a preserve. Porém, nem sempre isto acontece, tendo em vista que muitas vezes são adotadas práticas de ensino que desrespeitam e descaracterizam sua identidade. Para tornar o ensino de filosofia fecundo é preciso compreender suas especificidades, pois



Uma correta compreensão da natureza da Filosofia obriga a que o seu ensino procure o seguinte: o estudante terá de compreender claramente os problemas, as teorias e os argumentos da filosofia e terá de formar a sua opinião abalizada sobre eles; o estudante deverá ser estimulado a desenvolver o seu pensamento autônomo sobre os problemas, as teorias e os argumentos da Filosofia. Terá de ser capaz de traçar distinções relevantes, de saber defender as suas ideias, de conhecer os argumentos que se levantam contra suas ideias e de saber responder-lhes de forma adequada e responsável. Terá de conhecer as alternativas às ideias que defende, e terá de saber explicar por que razão as ideias que defende são melhores do que as alternativas. Terá de saber argumentar sem cair em falácias, terá de ser capaz de reagir a contra-argumentos e a contra-exemplos, terá de dominar os pormenores técnicos e as sutilezas das teoria e argumentos mais complexos. (MURCHO, 2002, p. 16)

Portanto, no ensino de filosofia é necessário que o professor leve em consideração a natureza reflexiva e crítica da filosofia. Esta não pode ser ensinada como se fosse um corpo de conteúdos, disposto de forma ordenada, rígida e estrutural. A filosofia é uma atividade do pensamento e para aprender a filosofar é preciso pôr em prática a capacidade argumentativa e toda a criticidade. Aprende-se a filosofar discutindo de forma filosófica os diversos temas que nos inquietam. E discutindo com os diversos filósofos que deram suas contribuições para as discussões destes temas. No pensamento filosófico não se chega a verdades absolutas ou provas irrefutáveis, isto seria imobilizar sua criatividade e dinamismo. A filosofia lança possibilidade de enxergar o mundo, a realidade e a nós mesmos. Estas possibilidades podem ser aceitas ou não, mas para isto é necessário justificarmos nossos posicionamentos e argumentar em favor deles. Pois do contrário não estamos em uma discussão filosófica, mas apenas emitindo juízos de valor. Ao discutir problemas através de uma abordagem filosófica estaremos filosofando e desenvolvendo a capacidade autônoma de raciocínio. Estas são



capacidades que o estudante de filosofia deve possuir, e estas devem ser fomentadas por um ensino que leve em consideração o caráter reflexivo da filosofia.

3. CONCLUSÃO

Diante do que expomos anteriormente, podemos concluir que aplicar um método de ensino universal, ou que seja próprio de outras disciplinas, não é compatível com a natureza filosófica e desta maneira tal ensino descaracterizaria a criatividade e a dinamismo do pensamento filosófico. Assim, o professor de filosofia deve visar por desenvolver em seu aluno uma mentalidade filosófica e a capacidade de enxergar diferentes problemas com um olhar reflexivo. Para isto, o professor deve trazer os alunos para as discussões filosóficas que devem ser conduzidas em sala de aula, sem prescindir de outros filósofos que darão embasamento teórico para que os alunos construam sua própria visão de mundo, e argumentem para defender esta. Entretanto, tais filósofos e seus conceitos não podem ser o conteúdo exclusivo da aula, mas uma ferramenta que auxilie o aluno a desenvolver seu pensamento, de forma crítica e reflexiva. Através disto, o professor está permitindo que seus alunos filosofem, pois ensinar a decorar jogos de palavras e a reproduzir frases de efeito não é o que se espera de uma aula de filosofia.

REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata Lima; GALLO, Silvio. **Ensinar filosofia**: um livro para professores. São Paulo: Atta mídia, 2009. P.27-53.

DIFONTE, Édison Martinho da Silva. **A perspectiva kantiana acerca do ensino de filosofia**. Disponível em <<http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/006e1.pdf>> Acesso



em: 05/06/2015.

GHEDIN. Evandro. **Ensino de filosofia no ensino médio**. São Paulo: Cortez, 2009.
P.93-132

NURCHO, Desidério. A natureza da filosofia e o seu ensino. **Revista Educação**, v. 27,
nº 02, p. 13-17, 2002.

_____, **A natureza da filosofia e o seu ensino**. Disponível em
<<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/viewFile/1968/1642>>
Acesso em: 14/06/2015.

RAMOS. César Augusto. Aprender a filosofar ou aprender filosofia: Kant ou Hegel?
Revista transformação, São Paulo, v 30, nº2, p. 197-217. 2007.